

JANDYRA WATERS

Ritmo do Tempo



JANDYRA WATERS

Ritmo do Tempo

Curadoria Denise Mattar

27 de agosto a 23 de setembro de 2015

Poesias de Jandyra Waters



JANDYRA WATERS Ritmo do Tempo | Rhythm of Time



Sem título, déc. 1980
Acrílica s/tela
110 x 110 cm
Coleção Ladi Biezus

A exposição JANDYRA WATERS Ritmo do Tempo, apresentada na Galeria Almeida e Dale, é uma homenagem à artista, que, aos 94 anos, com uma energia invejável, continua a escrever, a pintar e a criar obras surpreendentes. A mostra reúne 58 trabalhos, produzidos entre 1957 e 2015, e o recorte curatorial, sem, nem de longe, esgotar a produção da artista, mescla obras e poesias de vários períodos, fazendo aflorar seu percurso pictórico e poético. O título da exposição, oriundo do seu último livro, revela um viés que permeia o trabalho de Jandyra: a pulsação do tempo, ritmada em formas e cores.

A mostra apresenta, de forma breve, algumas obras históricas, entre as quais trabalhos figurativos; sua passagem pelo abstracionismo informal e a participação na 9ª Bienal de São Paulo. O maior conjunto é representado pela geometria sensível, produção pela qual é mais conhecida, caracterizada pelo uso de cores fortes e ritmo intenso. A experimentação também fez parte de seu percurso e desta fase apresentamos objetos, caixas e esculturas aéreas, que se inserem na questão do abandono do plano.

Jandyra, com sua inteligência visual intuitiva, é uma artista construtiva, mas nunca concreta. Em inspirado texto de 2009, o crítico Olívio Tavares de Araújo escreveu:

Dois componentes essenciais da obra de Waters foram sempre a cor – e dentro dos limites facultados por uma geometria rigorosa – o lirismo. Para os padrões concretistas, uma perfeita herege, portanto. E, enfim, arrematando sua peculiaridade, ela nunca teve o furor teorizante e proselitista dos concretistas a rigor. Não é uma intelectual e sim uma pintora.

Se estivesse no Rio de Janeiro, Jandyra poderia ter sido filiada ao Neoconcretismo, movimento com o qual sua obra tem maiores afinidades. Seu trabalho tem grandes semelhanças estilísticas com a produção de Aluísio Carvão, tanto pelo uso da cor, no qual ambos são mestres, quanto pela natureza dinâmica da construção das obras.

The JANDYRA WATERS Ritmo do Tempo (Rhythm of Time) exhibition shown at the Almeida e Dale Gallery is a tribute to the artist, who at 94 years old, and with enviable energy, continues to write, paint and create astonishing works of art. This exhibition brings together 58 works, produced from 1957 to 2015, and the curatorial selection, which comes nowhere near completing the artist's production, unite works and poems from several periods, outlining her poetic and pictorial journey. The title of the exhibition, which originates from her latest book, reveals an angle that permeates Jandyra's work: the pulsation of time in rhythmical forms and colors.

The exhibition briefly shows some historical works, among which are her figurative works, her passage through informal abstractionism and her participation in the 9th Biennial of São Paulo. The largest group is represented by sensitive geometry, the production for which she is best known, characterized by the use of strong colors and an intense rhythm. Experimentation was also a part of her journey and from this phase we present objects, boxes and aerial sculptures that are inserted in her quest to abandon flat artwork.

Jandyra, with her intuitive visual intelligence is a constructive artist, though never concrete. In an inspired text from 2009, critic Olívio Tavares de Araújo wrote:

Two essential components found in the work of Waters have always been color – and within the limits allowed by a rigorous geometry – lyricism. Therefore, for concrete standards she is a perfect heretic. And, finally, emphasizing her peculiarity, she never had the methodical fervor and proselytism of rigid concrete artists. She is not an intellectual but a painter.

If she were in Rio de Janeiro, Jandyra could have been affiliated to the Neoconcrete movement with which her works have the greatest affinity. Her work greatly resembles the style of Aluísio Carvão's production, both in its use of color, in which both are masters, as well as in the dynamic nature of the construction of their works.

JANDYRA WATERS Ritmo do Tempo | Rhythm of Time

Born in 1921, in Sertãozinho, in the interior of the state of São Paulo, Jandyra grew up in the capital. She studied at the Cultura Inglesa and had a secretarial formation. She traveled to Europe, in 1945, to work with UNRRA, an international organization created to help the victims of the Second World War. In 1947, she began to study painting at the Country Council Art School, in Sussex, England, where she lived until 1950. Upon her return to São Paulo, she studied painting with Yoshiya Takaoka, sculpture and ceramic with André Osze; engraving with Darel and Marcelo Grassmann, and mural painting with Clóvis Graciano.

Jandyra exhibited her work for the first time in 1956, at the 21st Salon of Fine Arts of São Paulo, participating, during the following years, of several editions of the Salon, which, at that time, was of great importance. Her work during this period, represented in the current exhibition by three works from 1957, was strongly influenced by Takaoka, but already revealed a restless and less contained vision than that of her master. The artist's option to portray objects from her domestic universe, shown in intimate disarray, is very curious.

Next, Jandyra makes a brief incursion into Informal Abstractionism. Here the artist uses textures, in dense and material compositions that are almost monochromatic, with subtle and lyrical color suggestions.

In the decade of 1960, the artist takes a vital turn in her work. She abandons material abstractionism and begins to use fluid paints, in compositions that are full of life, movement and color, unparalleled in Brazilian art. In 1963, she holds her first solo exhibition at the Aremar Gallery, in Campinas; in 1966, she participates in the emblematic Biennial of Bahia and, in 1967, is invited to participate in the 9th Biennial of São Paulo.

During this period, Jandyra meets psychoanalyst and art critic, Theon Spanudis, who, from then on, directly accompanies her work, stimulating, analyzing and criticizing her production. In a text written for the artist's solo exhibition at the Museum of Contemporary Art of the University of São Paulo, in 1979, Spanudis described Jandyra's journey:

While studying painting, Jandyra was figurative. But as soon as her studies were over, she developed an amorphous, nebulous and oneiric tachism of soft and lyrical colors. In 1966, she abruptly developed a totally original and previously unseen, formal

Nascida em 1921, em Sertãozinho, no interior de São Paulo, Jandyra foi criada na capital. Estudou na Cultura Inglesa e teve formação como secretária. Viajou para a Europa em 1945 para trabalhar na UNRRA, organização internacional criada para prestar auxílio às vítimas da Segunda Guerra Mundial. Em 1947, começou a estudar pintura no Country Council Art School em Sussex Inglaterra, país onde residiu até 1950. De volta a São Paulo, estudou pintura com Yoshiya Takaoka, escultura e cerâmica com André Osze; gravura, com Darel e Marcelo Grassmann, e pintura mural, com Clóvis Graciano.

Jandyra expôs pela primeira vez em 1956, no 21º Salão de Belas Artes de São Paulo, participando nos anos posteriores de várias edições do salão, que, na época era de grande importância. Seu trabalho nesse período, representado na atual exposição por três obras de 1957, tem forte influência de Takaoka, mas já revela um olhar inquieto e menos contido do que o de seu mestre. Bastante curiosa é a opção da artista por retratar objetos do universo doméstico, representados em íntimo desalinho.

A seguir Jandyra faz uma breve incursão no Abstracionismo Informal. Nele a artista utiliza-se de texturas, em composições densas e matéricas, quase monocromáticas, com sugestões de cor sutis e líricas.

Na década de 1960 a artista dá uma guinada essencial no seu trabalho. Abandona o abstracionismo matérico, passa a utilizar tintas fluidas em composições plenas de vida, movimento e cor, sem paralelo na arte brasileira. Em 1963 realiza sua primeira individual na Galeria Aremar em Campinas; em 1966 participa da emblemática Bienal da Bahia e em 1967 é convidada a participar da 9ª Bienal de São Paulo.

Nesse período Jandyra conhece o psicanalista e crítico de arte, Theon Spanudis, que, a partir daí, acompanhará diretamente seu trabalho, incentivando, analisando e criticando sua produção. Em texto realizado para a mostra individual da artista no Museu de Arte Contemporânea da USP, em 1979, Spanudis assim descreve o percurso de Jandyra:

Quando estudava pintura, Jandyra era figurativa. Mas logo seu estudo terminado, ela desenvolveu um tachismo amorfo, nebuloso e onírico de coloridos suaves e líricos. Em 1966, ela desenvolveu abruptamente um abstracionismo formal, totalmente original e inédito, de signos misteriosos e enigmáticos, e formas estranhas em perpétuo movimento. Com o tempo os

seus signos foram se enriquecendo e multiplicando, o seu colorido tornou-se mais solar, uma efervescência e inquietude calorosa emanavam das suas obras. Depois os signos começam a desaparecer, as formas estranhas ganham em volume e aparecem movimentos circulares e dançantes, de ímpeto dionisíaco e frenesi extático.

Na exposição agora apresentada estão reunidas algumas das mais importantes obras dessa vertente, como os trabalhos apresentados na Bienal da Bahia e na 9ª Bienal de São Paulo, e o políptico composto por 5 telas, dispostos na montagem assimétrica, criada pela artista, acentuando o caráter fluido e ondulante da composição que se interpenetra. Herdeiros diretos dessa pesquisa são as caixas-relevos, e as esculturas aéreas que extrapolam os limites da tela, propondo ao espectador novas formas de interação com a obra.

Na década de 1970, Jandyra dá outra guinada em seu trabalho voltando-se para um caminho construtivo, calcado no rigor geométrico, mas expandido em cor. Essa mudança é assim vista por Spanudis:

No cúmulo desta sua fase dionisíaca e orgiástica, entra de repente, em 1971, o rigor geométrico, seja para dominar o excessivo ímpeto dionisíaco, seja para iniciar uma nova fase, mais estruturada e apolínea. Desde então começa o seu construtivismo que ela realiza até hoje.

Na mostra da Galeria Almeida e Dale apresentamos um expressivo conjunto de obras dessa vertente, sem a preocupação de criar uma organização cronológica. Assim, convivem, lado a lado, trabalhos de diferentes datas reunidos por analogia de pesquisa formal ou colorística.

Uma das características mais marcantes da artista é a utilização de uma dinâmica centrífuga na construção de suas obras. Sua pintura se expande em forças radiantes, numa composição geométrica inquieta e sensível. É uma soma de ritmos e tensões que se cruzam e vibram. Nas palavras de Spanudis:

Jandyra explora o ímpeto direcional e a inquietude das diagonais o que dá às suas estruturas o dinamismo e o movimento perpétuo do fugaz. As composições construtivistas de Jandyra são como que instantâneos de movimentos convergentes no centro da tela, que, de um instante para outro, irão fugir com o ímpeto das diagonais, no espaço cósmico, nos dissolvendo no nada do imponderável e misterioso. Este elemento de movimento inquietante, das construções instáveis é a característica principal do seu construtivismo.

abstractionism, with mysterious and enigmatic signs, and strange forms in perpetual movement. With time, her signs were enriched and multiplied, and her colors became more solar, effervescent and restless warmth emanated from her works. Later the signs begin to disappear, the strange forms gain volume, and circular, dancing movements emerge with ecstatic frenzy and Dionysian impetus.

At the present exhibition some of her most important works from this phase can be seen, such as the works shown at the Biennial of Bahia and the 9th Biennial of São Paulo, and the polyptych, made up of 5 canvases shown in the asymmetric installation created by the artist, accentuating the fluid and undulating character of the composition that merge into one another. The relief-boxes and the aerial sculptures that surpass the limits of the canvas suggesting to the spectator new forms of interaction with the work of art are direct heirs of this research.

In the decade of 1970, Jandyra gives another sharp turn in her work, taking the constructive path, based on geometric rigor, but expanded in color. This change is seen thus by Spanudis:

At the peak of her Dionysian and orgiastic phase, suddenly, in 1971 we see geometric rigor, be it to dominate the excessive Dionysian impetus, or to initiate a new, more structured and Apollinian phase. She then began her constructivism which she continues until today.

At the Almeida e Dale Gallery exhibition we present an expressive set of works from this phase, without the concern of creating a chronological organization. Thus, side by side, we have works from different dates grouped by formal or color research.

One of the artist's most marked features is the use of centrifugal dynamics in the construction of her works. Her painting expands in radiant energy, in a restless and sensitive geometric composition. It is the sum of rhythms and tensions that cross and vibrate. In the words of Spanudis:

Jandyra explores the directional impetus and the restlessness of diagonals, which give her structures the dynamism and perpetual movement of transience. Jandyra's constructivist compositions are like instance of convergent movements in the center of the canvas, that, from one moment to another, will escape with the impetus of the diagonals, in cosmic space, dissolving into the emptiness of the imponderable and the mysterious. This element of restless movement, of inconstant constructions, is the main feature of her constructivism.

JANDYRA WATERS Ritmo do Tempo | Rhythm of Time

Her entirely personal chromatism is another of Waters' particularities. Without ever using the original colors of the paint tubes, the artist creates unusual luminosity, in a compulsive research of color. Unafraid, Jandyrda dares with shocking-pink, intense violet, bright green, pale yellow, the color she desires, creating juxtapositions of tones that mutually intensify one another. More than this, the artist builds forms with color that lives and vibrates, filled with emotion. Her chromatism has physicality and formal-space energy.

Often seen as esoteric, Jandyrda's work is permeated by archaic aesthetics that recall a time when magic, science, religion and art were inseparable. The harmony that is inherent to geometry has, for centuries, been considered as an expression of the divine plan that supports the universe – a metaphysical pattern that determines the physical. Proportion and harmony are intimately connected to the so-called sacred geometry that, in turn, is connected metaphysically to the structure of matter. Waters' work is inserted in this cosmic, and not religious, angle, and, more specifically her tridimensional compositions known as *Templos*, (Temples) that are also shown in the exhibition.

During six decades, Jandyrda Waters built her pictorial work characterized by intense luminosity and potent chromatic vibration – where nothing is superfluous. Her work, appreciated by critics such as Mário Schenberg, Geraldo Ferraz José Geraldo Vieira, and the already mentioned Theon Spanudis, can be found in some of the most important private collections in the city and in institutions such as the Museum of Modern Art of São Paulo, Museum of Contemporary Art of USP, Pinacoteca of the State of São Paulo, Museum of Brazilian Art of Faap, among others. In parallel, the artist published three books of poetry, that were received enthusiastically by critics: *Pedras Nuas* (Naked Stones) (1974) Editora José Olympio, *Desvendador* (Unveiler) (1977) Editora DAG and *Ritmo do Tempo* (2001) Editora Scortecci. Her poems, like her paintings, are synthetic and straightforward, but constructed in multiple layers, like the Japanese *hai-kai*. Some of these can be seen in this catalogue.

In this exhibition the Almeida e Dale Gallery has the pleasure of showing a small part of the pictorial and poetic trajectory of this important artist, who deserves an extensive institutional retrospective.

Denise Mattar
Curator

O cromatismo inteiramente pessoal é outra das particularidades de Waters. Sem jamais usar as cores originais das bisnagas, a artista cria luminosidades incomuns, numa compulsiva pesquisa de cor. Sem pudores Jandyrda ousa o rosa-choque, o intenso violeta, o verde-bandeira, o amarelo pálido, a cor que lhe aprouver, criando contraposições de tons que mutuamente se intensificam. Mais do que isso, a artista constrói a forma com a cor, que vive e pulsa, plena de emoção. Seu cromatismo tem fisicalidade e potência espaço-formal.

Muitas vezes vista como esotérica a obra de Jandyrda é permeada por uma estética arcaica que resgata o tempo onde magia, ciência, religião e arte eram inseparáveis. A harmonia inerente à geometria é considerada, há séculos, como uma das expressões do plano divino que embasa o universo – um padrão metafísico que determina o físico. A proporção e a harmonia se acham intimamente ligadas à chamada geometria sagrada, que, por sua vez, está ligada metafisicamente à estrutura da matéria. Nesse viés cósmico, e não religioso, insere-se a obra de Waters, e, mais especialmente, suas composições tridimensionais chamadas *Templos*, também apresentadas na exposição.

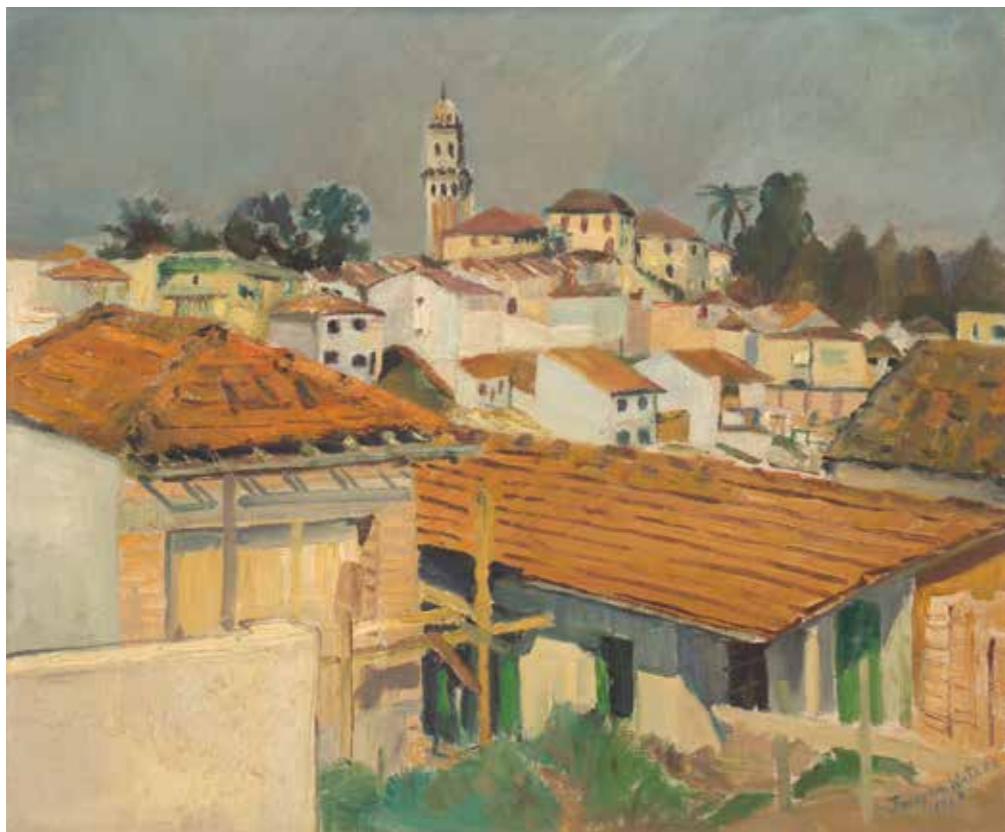
Ao longo de seis décadas, Jandyrda Waters construiu uma obra pictórica caracterizada pela intensa luminosidade e potente vibração cromática – na qual nada é supérfluo. Seu trabalho, apreciado por críticos como Mário Schenberg, Geraldo Ferraz, José Geraldo Vieira, e o já citado Theon Spanudis, está representado em algumas das mais importantes coleções particulares da cidade e nos acervos de instituições como Museu de Arte Moderna de São Paulo, Museu de Arte Contemporânea da USP, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte Brasileira da Faap, entre outros. Paralelamente, a artista publicou três livros de poesia, recebidos com entusiasmo pela crítica: *Pedras Nuas* (1974), Editora José Olympio, *Desvendador* (1977), Editora DAG e *Ritmo do Tempo* (2001) Editora Scortecci. Seus poemas, como sua pintura, são sintéticos e despojados, mas construídos em múltiplas camadas, como os *hai-kai* japoneses. Alguns deles podem ser apreciados ao longo das páginas deste catálogo.

É uma pequena parte desse percurso pictórico e poético, que a Galeria Almeida e Dale tem o prazer de apresentar na exposição dessa importante artista, que está merecer uma ampla retrospectiva institucional.

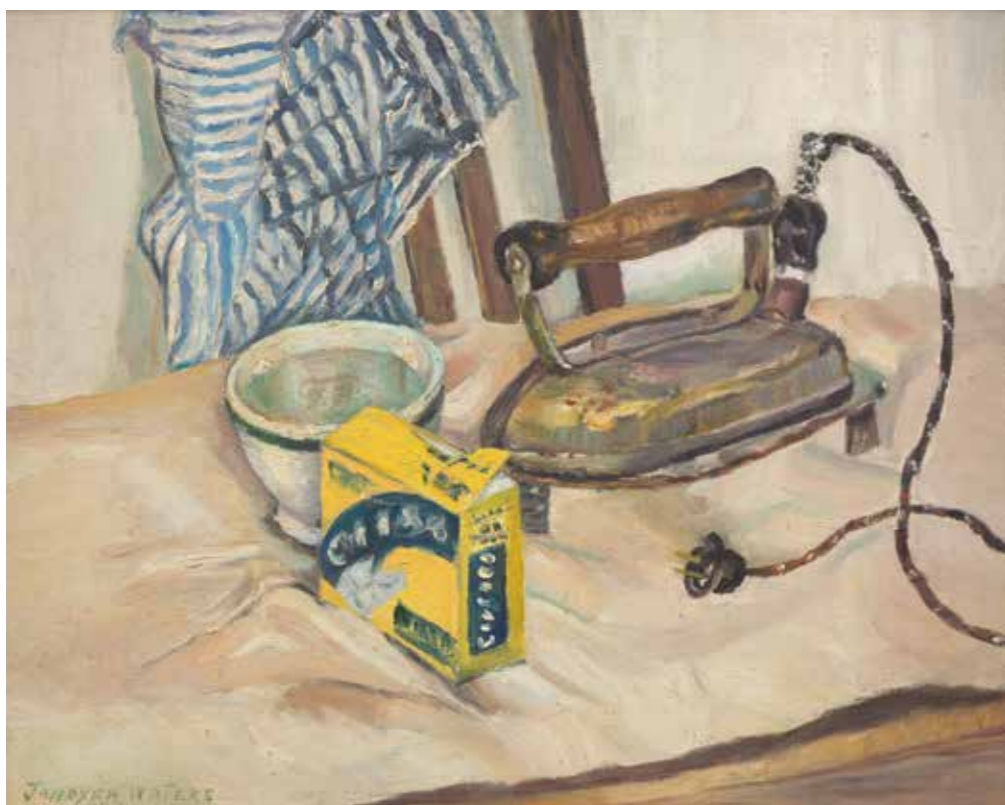
Denise Mattar
Curadora



Sem título, 2014
Acrílica s/ tela
50 x 50 cm



Sem título, 1957
Óleo s/ tela
38 x 46 cm



Sem título, 1957
Óleo s/ tela
40 x 50 cm



Sem título, 1957
Óleo s/ tela
50 x 40 cm

“Estrangeira em tais paragens
não me lembro como entrei
nem se entrei sem ser chamada.
Só sei que no auge do momento
Soberana fiquei da eternidade.”



Sem título, 1964
Óleo s/ tela
73 x 82 cm
Coleção Ladi Biezus



Sem título, 1964
Óleo s/ tela
73 x 82 cm
Coleção Ladi Biezus



Sem título, 1967
Acrílica s/ duratex
115 x 89 cm



Sem título, 1967
Acrílica s/ duratex
115 x 89 cm

Esse aroma enigma
Que surge de nenhures
E chama vagas formas
De lembranças enterradas
No tempo sem memória
Esse aroma enigma
Me intriga



Sem título, 1968
Acrílica s/ tela
52,5 x 65 cm
Coleção Breno Krasilchick



Sem título, 1968
Acrílica s/ tela
120 x 137 cm
Coleção Breno Krasilchick



Forma em expansão, 1967
Políptico - cinco partes
97 x 130 cm cada

Futuro
Um leque
Que se abre aos poucos
Rematando a estampa
No devir escuro
Perpétuo.



Sem título, 1970
Caixa relevo em madeira
e tinta acrílica
74 x 68 x 6 cm



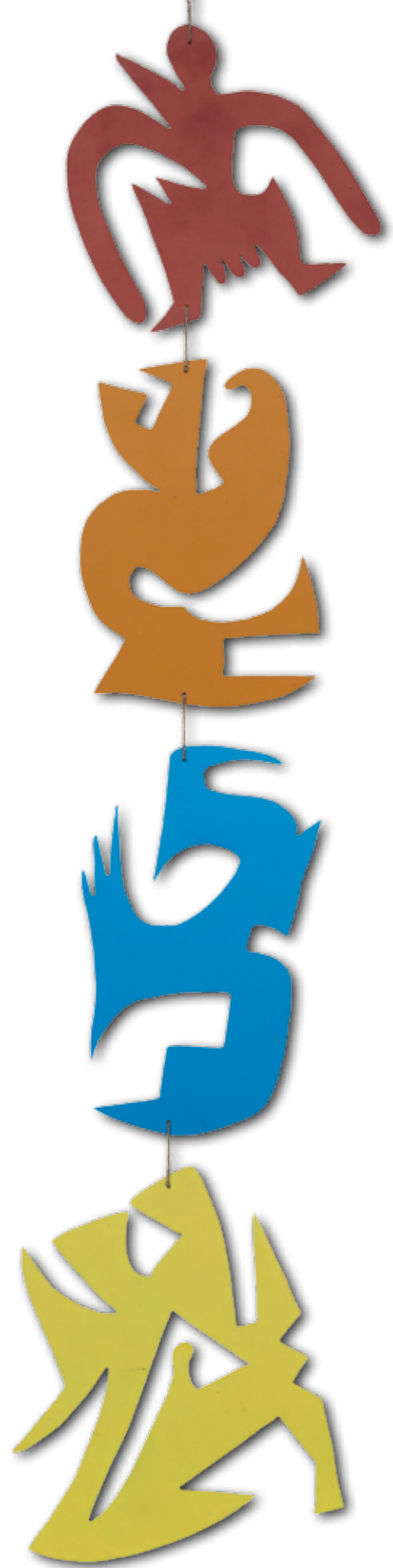
Sem título, 1970
Caixa relevo em madeira
e tinta acrílica
90,5 x 70,5 x 5,5 cm
Coleção Ladi Biezus



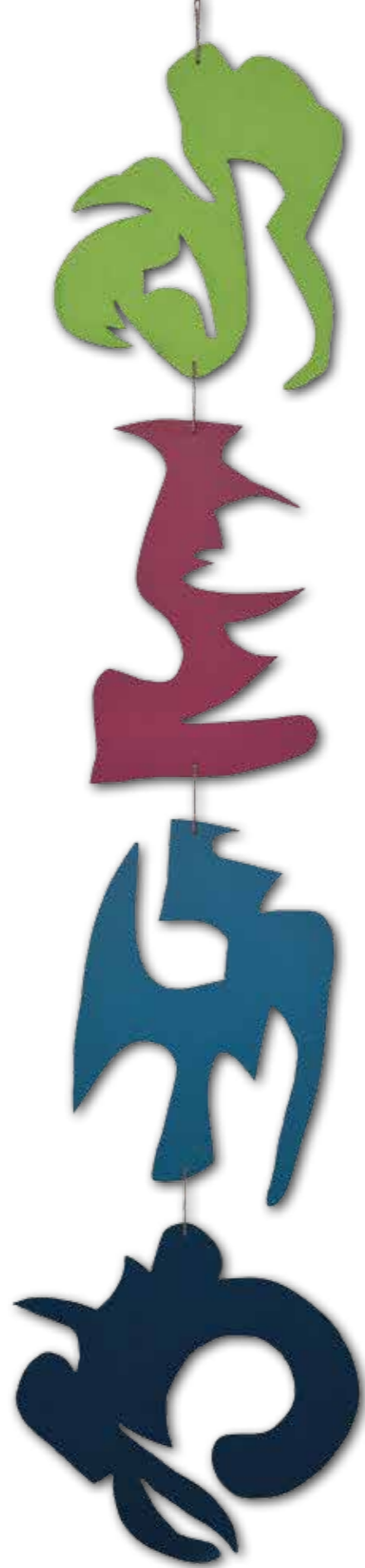
Sem título, 1970
Caixa relevo em madeira
e tinta acrílica
78,5 x 72 x 6 cm
Coleção Cristina & André Mastrobuono



Sem título, 1970
Caixa relevo em madeira
e tinta acrílica
70 x 55 x 5,5 cm



Metamorfose, 2000-2002
Escultura aérea
Acrílica s/ madeira
143 x 29cm



Metamorfose, 2000-2002
Escultura aérea
Acrílica s/ madeira
137 x 31cm

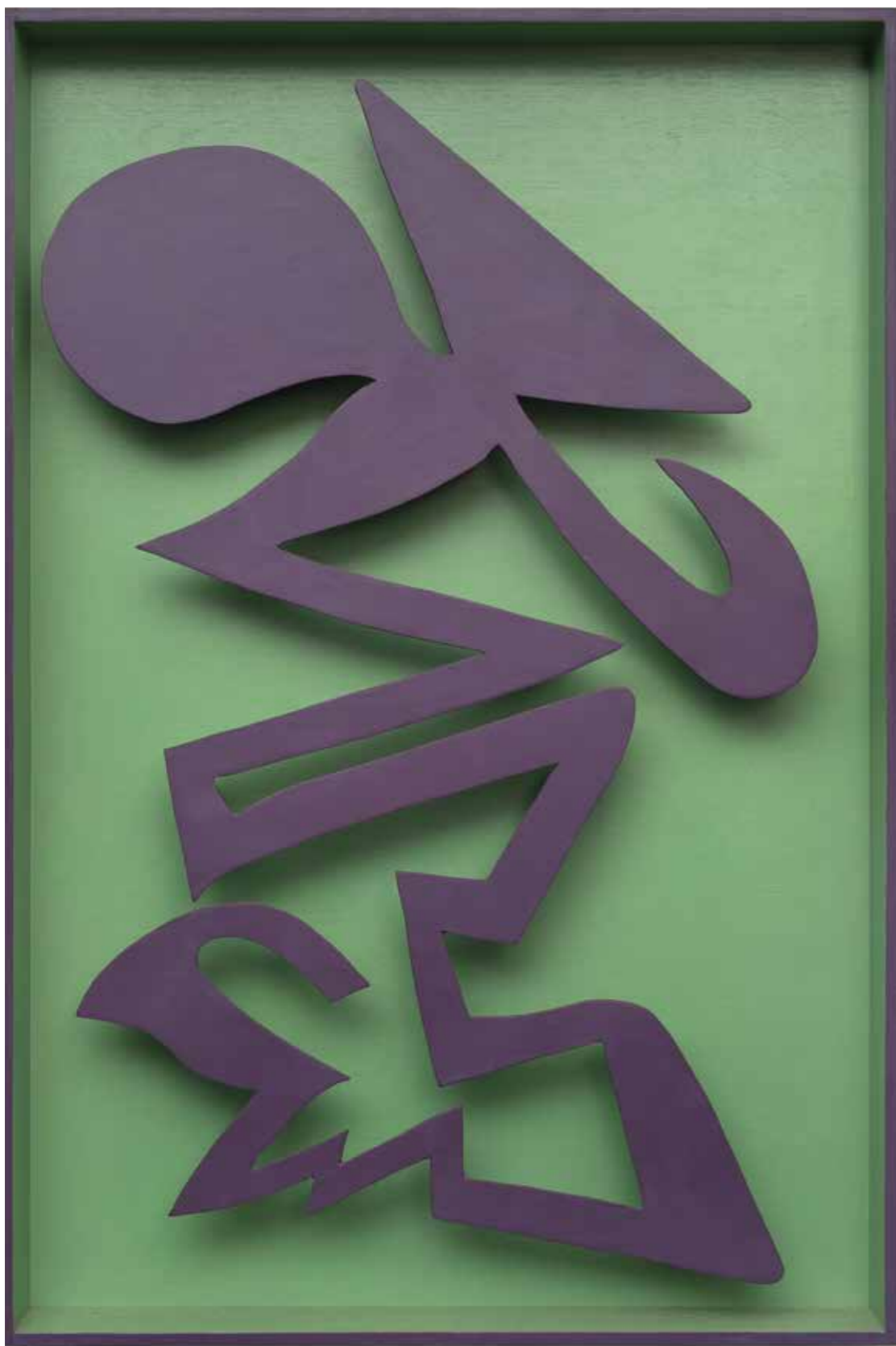
Ausência
mil silêncios
espaço em branco
reticências.

Ainda existo
resisto
e não desisto

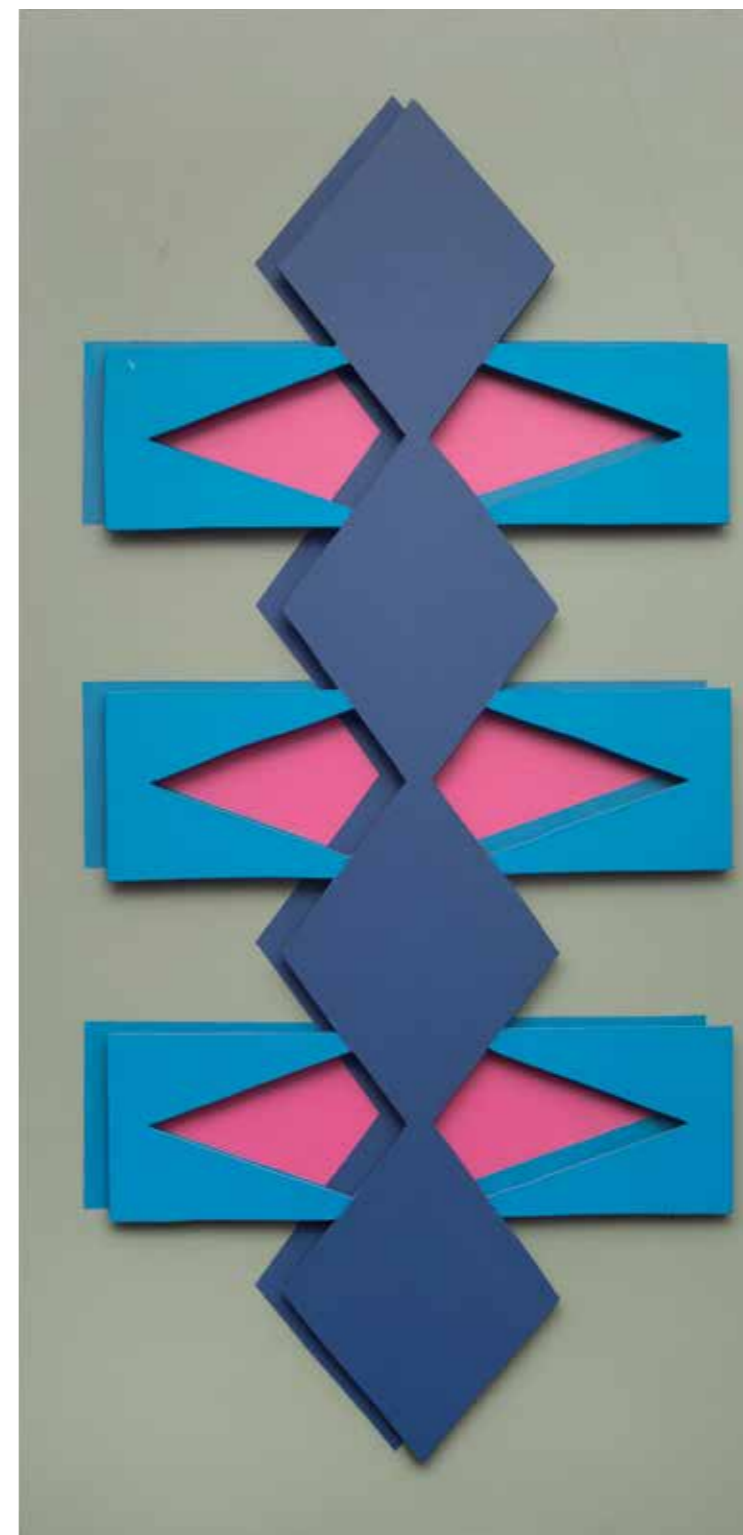
Quero-te aqui
Agora.
A vida urge
e até devora



Metamorfose, 2000-2002
Escultura aérea
Acrílica s/ madeira
138 x 29cm



Sem título, 1970
Caixa relevo em madeira
e tinta acrílica
90,5 x 60,5 x 7 cm
Coleção Cristina & André Mastrobuono



Pseudo Projeção, 1970
Acrílica s/ madeira
Duas partes:
72 x 35 cm
63,5 x 29 cm
Coleção Cristina & André Mastrobuono



Pseudo projeção, 2012
 Acrílica s/ madeira
 Duas partes:
 67 x 57 cm
 61 x 51 cm

Sempre:
 termo curto de sentido longo
 termo de ontem e daqui por diante.
 Sempre é também agora.
 Sempre:
 o centro estável do novelo
 que se desenrola
 rola, rola, eternamente.



Pseudo projeção, 2012
 Acrílica s/ madeira
 Duas partes:
 60 x 40 cm
 66 x 46 cm



Sem título, 1978
Acrílica s/ tela
50 x 60 cm



Sem título, 1978
Acrílica s/ tela
40 x 60 cm



Sem título, 2007
Acrílica s/ tela
50 x 50 cm

↳ Sigo leve desatada
Pelas torrentes ignotas
Não me assusto nem resisto
E se duvido me arrisco



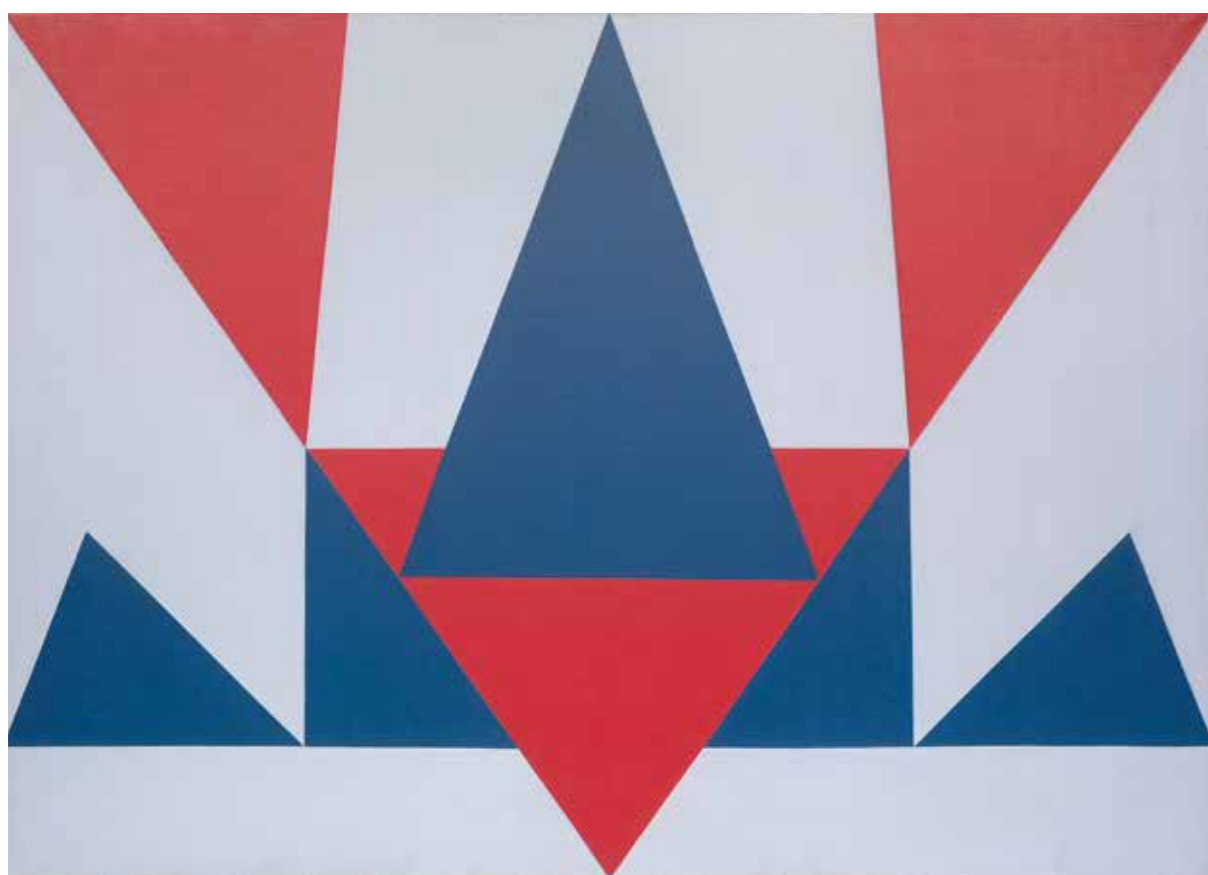
Sem título, 1983
Acrílica s/ tela
40 x 50 cm



Sem título, 1996
Acrílica s/tela
42 x 52 cm



Sem título, 1999
Óleo s/ tela
100 x 80 cm



Sem título, 1984
Acrílica s/tela
60,5 x 84 cm

¶ Não me guies para além da morte
Antes a benção
De um paradeiro estável.
Já não basta uma vida
De muitas longitudes?
E tantas fases
Crescentes, plenas, minguantes?

Não quero mais fase nova

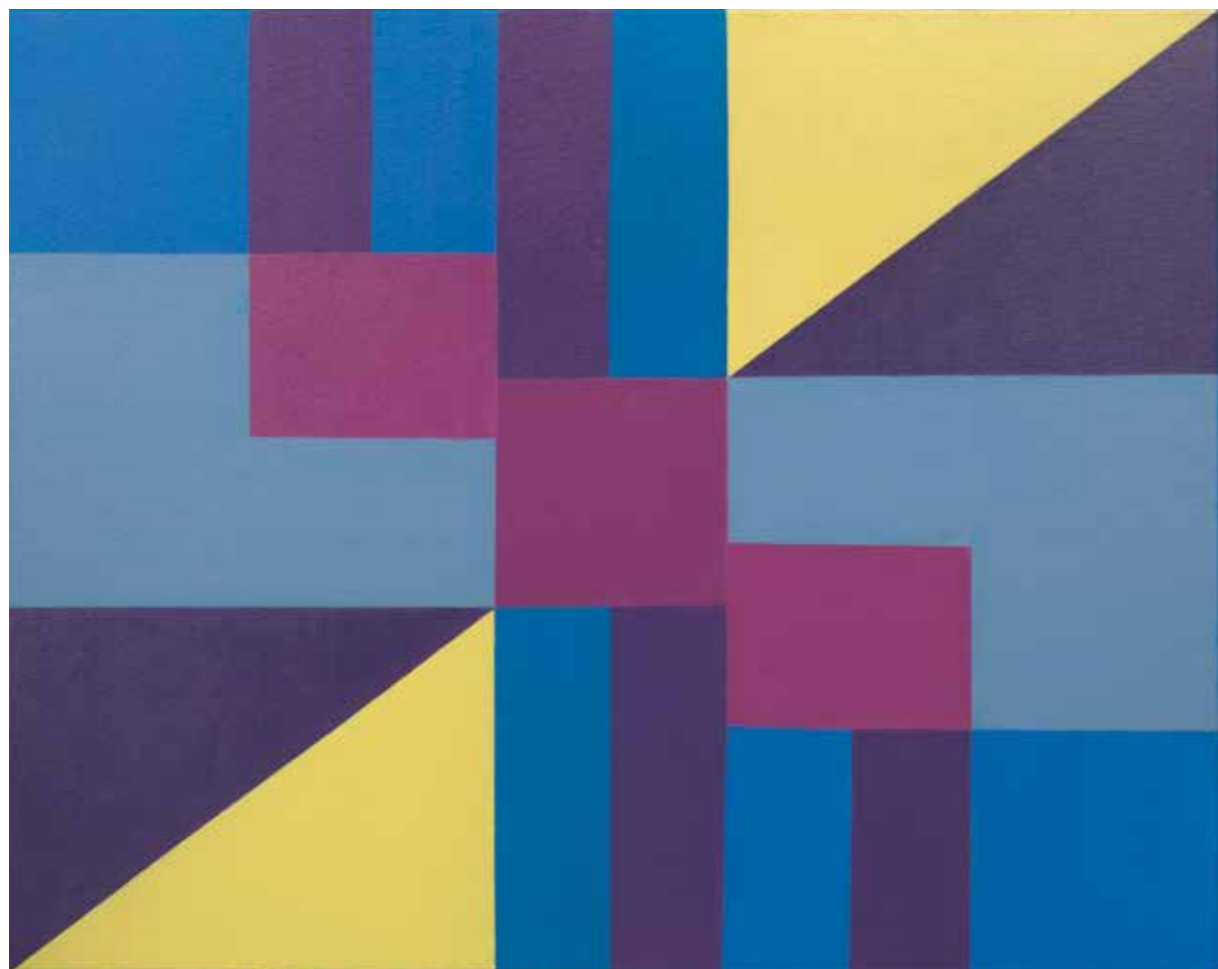


Sem título, déc. 80
Acrílica s/ tela
33 x 46,5 cm
Coleção Mastrobuono



Sem título, 1993
Acrílica s/ tela
150 x 180 cm

Opaca
Austera
E densa
A pedra que alojou
Meu último silêncio



Sem título, 2014
Acrílica s/ tela
40 x 50 cm



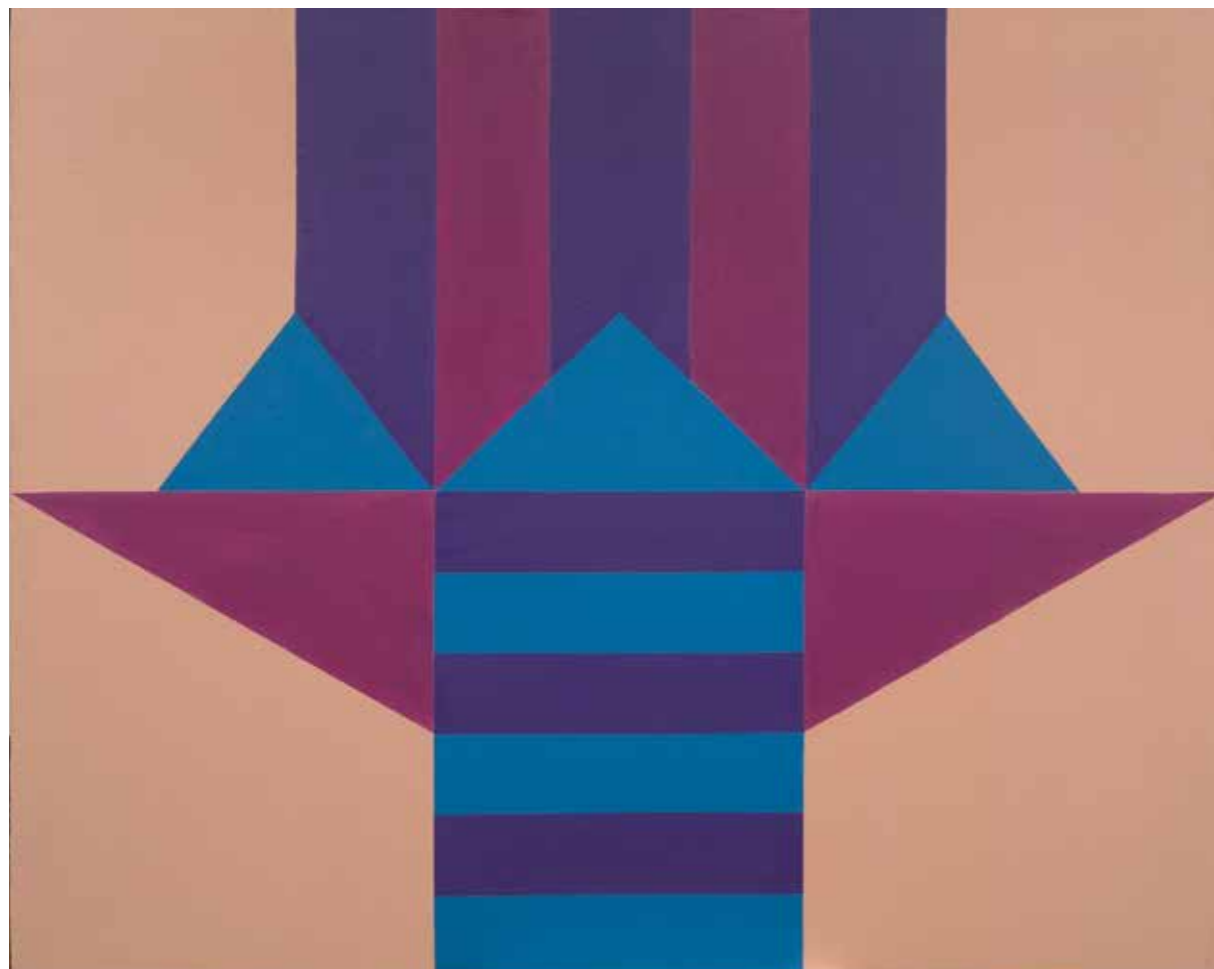
Sem título, 1980
Acrílica s/ tela
60 x 50 cm



Sem título, 2014
Acrílica s/ tela
50 x 50 cm



Sem título, 1980
Acrílica s/ tela
75 x 63 cm



Sem título, 2000
Acrílica s/ tela
65 x 81 cm

¶ Pus ordem
Preciso ficar pronta
Para algum chamado
Vindo das distâncias
Um sino que badale
Surdamente
Só no meu ouvido



Sem título, 2001
Acrílica s/ tela
65 x 81 cm



Sem título, 1991
Acrílica s/ tela
72 x 84 cm

¶ Tomo posse de mim mesma
A custo me conquistei
Corça bravia lacei
Com rédeas curtas domei
Sou minha serva afinal



Sem título, 2002
Acrílica s/ tela
80 x 80 cm



Sem título, 2002
Acrílica s/ tela
80 x 80 cm

Qual tronco abatido pelo raio
quero fincar nas pedras do caminho
este poema seco e solitário.

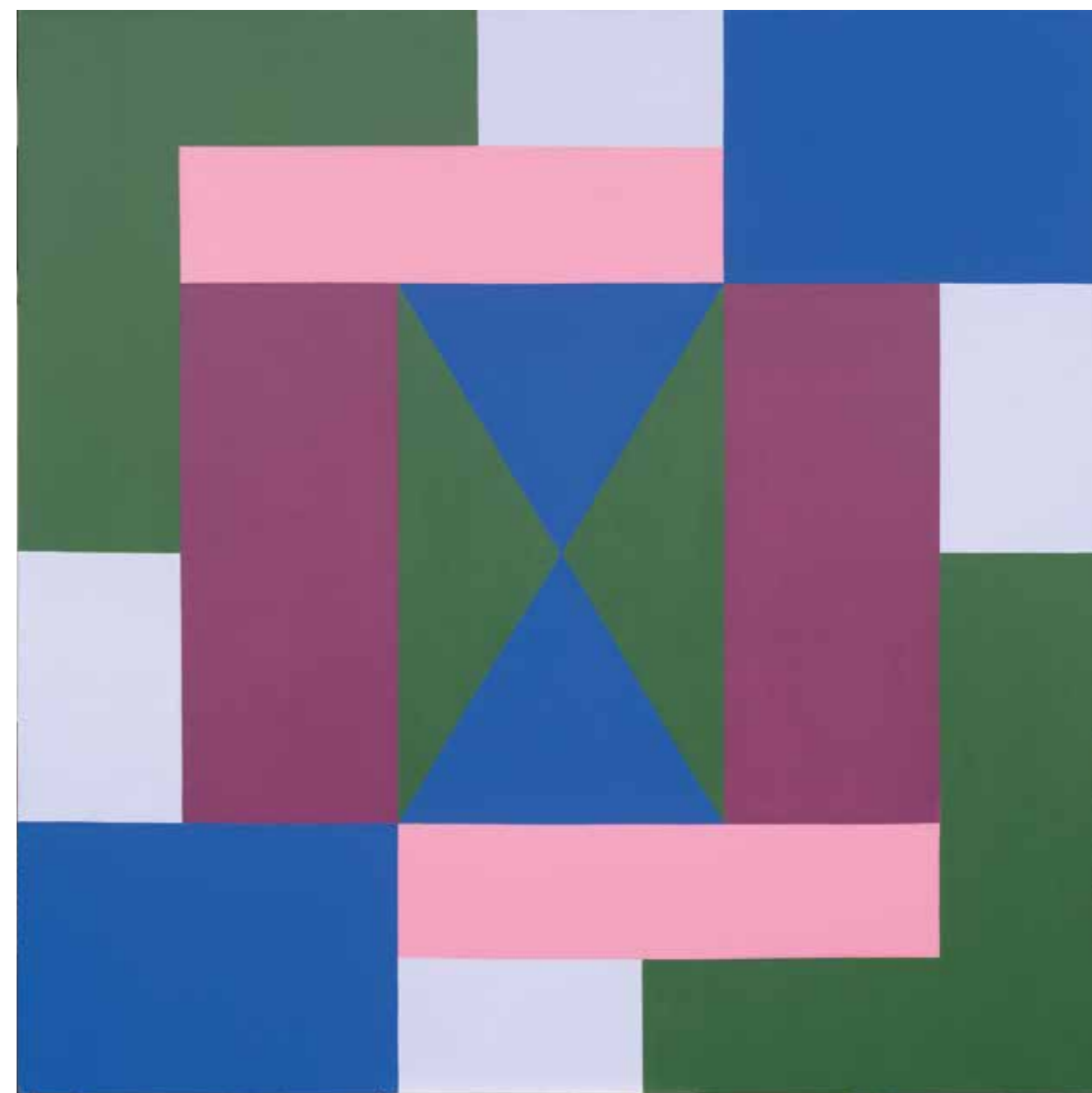


Sem título, 2002
Acrílica s/ tela
80 x 80 cm



Sem título, 2002
Acrílica s/ tela
80 x 80 cm

Por acaso subo
Por acaso desço
Vivo na gangorra
Como contrapeso
Das fortunas várias



Sem título, 2002
Acrílica s/ tela
80 x 80 cm



Sem título, 1986
Acrílica s/ tela
72 x 60,5 cm

¶ Nem tanto ao mar
Nem tanto à terra
Ó vida às vezes terremoto
Às vezes calma!



Sem título, 2012
Acrílica s/ tela
50 x 50 cm



Sem título, 2003
Acrílica s/ tela
100 x 100 cm

Que posso contar das pedras
Carnudas, rotundas
Sucata das eras
Assim largadas
A espera?

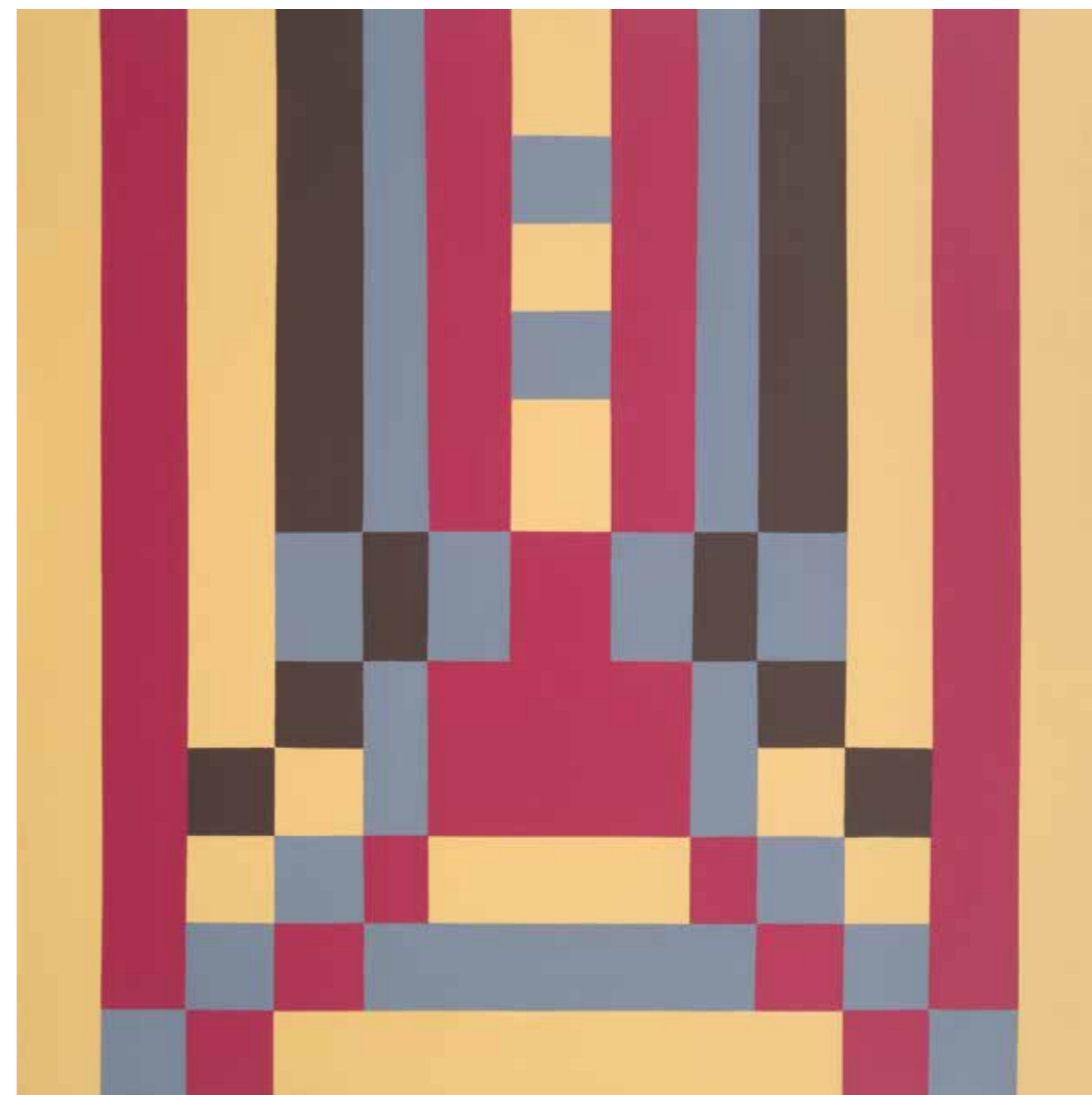


Sem título, 2003
Acrílica s/ tela
100 x 100 cm

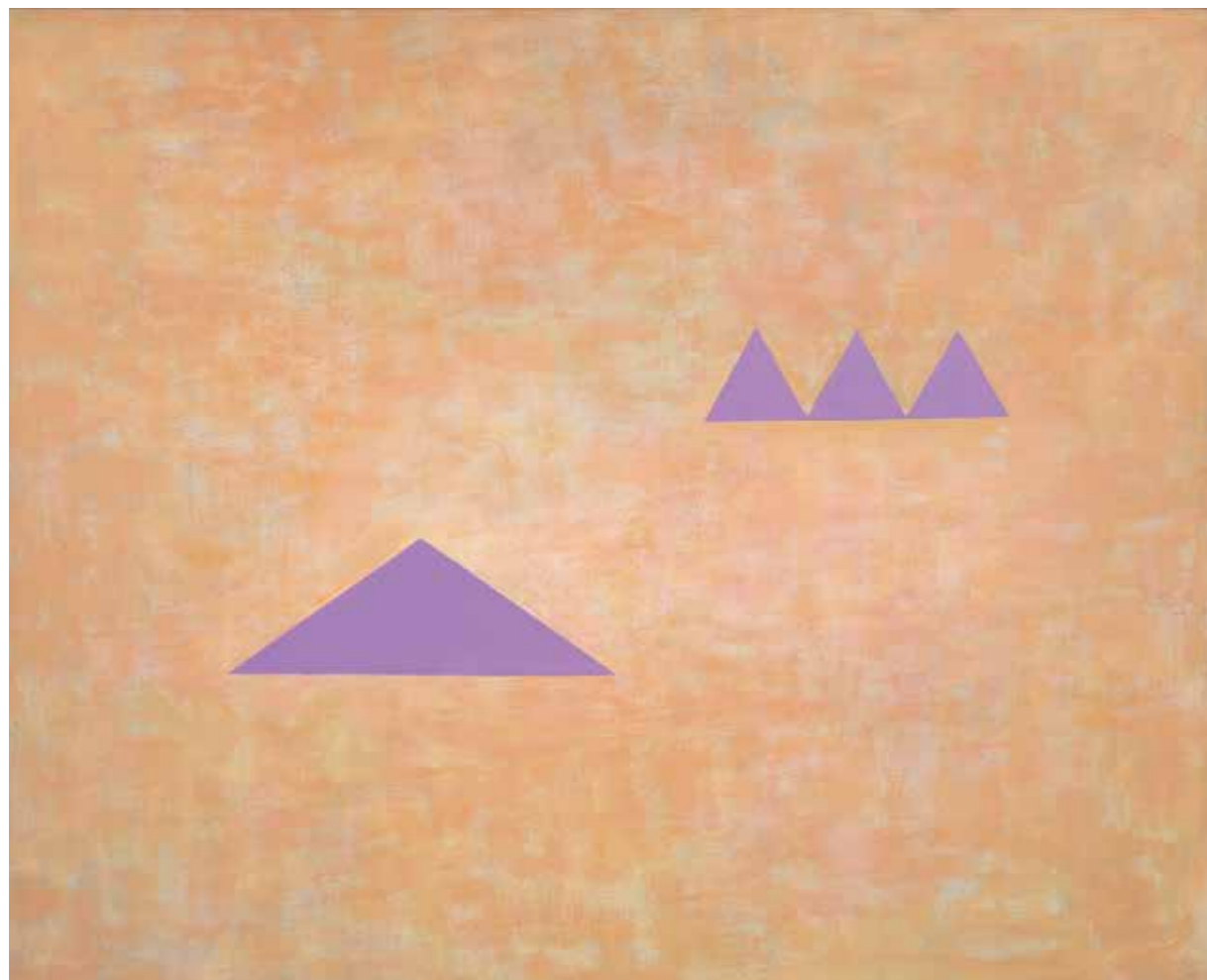


Sem título, 2003
Acrílica s/ tela
100 x 100 cm

Sejam as dores as que fecundam
Sejam as noites as mais profundas
Se for preciso

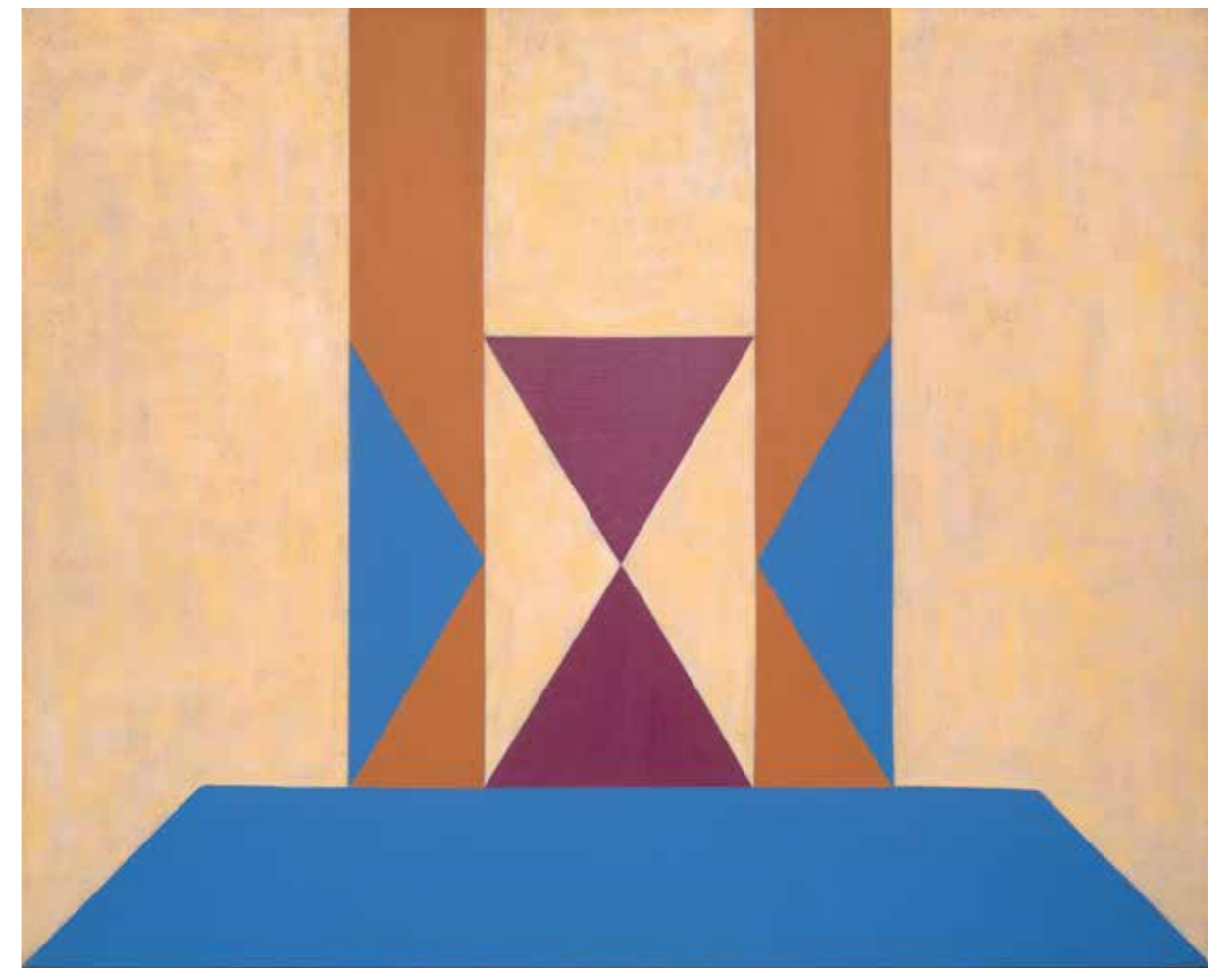


Sem título, 2000
Acrílica s/ tela
100 x 80 cm



Sem título, 1994
Acrílica s/ tela
64 x 80 cm

Existir
Sem corpo sem mágoa
Ser pedra lavada, rolada
Que importa.
Existir como coisa largada
Ao acaso
Na ausência que é sombra
Sombra sem sombra
Sombra sem nome



Sem título, 1994
Acrílica s/ tela
64 x 80 cm



Sem título, 2014
Acrílica s/ tela
50 x 50 cm

Quando parti
Cortei minhas raízes e senti;
Voltei a me plantar noutra lugar.
Apegando-me ao solo
Alastrei e floresci
Mas precisei partir mais uma vez
E me arranquei
Pra me enterrar outra vez



Sem título, 2003
Acrílica s/ tela
100 x 100 cm



Templo, 1982
Acrílica s/ madeira
52 x 54 x 32,5 cm
Coleção Ladi Biezus



Templo, 1982
Acrílica s/ madeira
58 x 36 x 51 cm
Coleção particular



Templo, déc. 1970
Acrílica s/ madeira
50,6 x 42,2 x 44,7 cm
Coleção Museu de Arte
Contemporânea da USP



Templo, 1982
Acrílica s/ madeira
58 x 35,5 x 50 cm
Coleção particular



Jandyra Waters, 2015

JANDYRA WATERS

Cronologia

Jandyra Waters nasceu em Sertãozinho, interior de São Paulo. Sua família mudou-se para a capital quando ainda era criança. Começou a trabalhar aos 16 anos, para ajudar em casa, mas continuou a estudar. Kursou por seis anos a Cultura Inglesa, e fez o curso de secretariado.



Foto de formatura, 1940

A partir de um anúncio de jornal inscreve-se num programa da UNRRA - United Nations Relief Rehabilitation Administration, organização internacional que no pós-guerra dava assistência e repatriava cidadãos deslocados pelo conflito. Sem medo nenhum, a jovem, de 24 anos, parte sozinha para viver no exterior. Jandyra relata o período como uma experiência marcante. Encontrou uma Europa em ruínas, bastante trabalho, condições precárias, mas achou tudo muito instigante! Conheceu gente de todos os países, viajou bastante. O trabalho era baseado em Londres, mas os participantes seguiam para onde eram chamados. Jandyra foi para a Holanda e a seguir para a Áustria onde conheceu o futuro marido, o major britânico Eric Dale Waters.



Foto do casamento civil. Maidstone, Inglaterra. 05/02/1947



Um presente de luxo para a noiva. Um rádio! 1946



Jandyra em foto realizada para enviar à família Waters, 1946



Jandyra, Martin e Eric em Lewes, Inglaterra, 1949

1921/40

1940/45

1945/47

1947/50



Jandyra aos 17 anos, 1938

Recebe o diploma de Secretária. Engaja-se nos treinamentos de guerra que se espalham pelo Brasil. Na Cruz Vermelha faz o curso de socorrista de urgência.



Desfile das Socorristas da Cruz Vermelha, 1944



Foto do passaporte de Jandyra, 1945



No escritório da UNRRA, Klagenfurt, Áustria, 1946



Com amigos em Casablanca, 1945



O Major Eric Dale Waters, 1947

O casamento possibilitou a Jandyra começar a estudar pintura, que sempre a interessara. Residindo em Lewes, Sussex, na Inglaterra, estudou na Country Council Art School. Grávida, Jandyra desenvolveu uma alergia pelas tintas que a obrigou a parar de pintar. Logo após o nascimento de seu único filho, Martin em 1949 o casal fez uma viagem ao Brasil. Depois de tanta ausência da artista a festa foi grande.



Recepção da família na visita ao Brasil, 1950



JANDYRA WATERS

Cronologia

Jandyrá Waters, 2015

O casal muda-se para o Brasil em 1951. Eric trabalha na ICI, indústria química britânica com representação em São Paulo. Jandyrá retoma seus estudos artísticos. Faz aulas de pintura com Takaoka. Estuda escultura com André Osze. Na Faap faz curso livre de gravura com Grassman e Darel. Estuda pintura mural com Clóvis Graciano. Inscreve seus trabalhos no 21º Salão Paulista de Belas Artes e é aceita.

Jandyrá no Salão Paulista de Arte Moderna, com Takaoka, Fang e o filho Martin. 1958



1951/56

1957/62

Jandyrá é convidada por Raul Porto a realizar sua primeira exposição individual, na Galeria Aremar em Campinas. Apresenta trabalhos de sua fase abstrata-informal. Nesse ano participa do 12º Salão Paulista de Arte Moderna, na Galeria Prestes Maia, 7º Salão de Arte de São Bernardo do Campo, 21º Salão Paranaense de Belas Artes, Curitiba, Salão do Trabalho, na Galeria de Arte das Folhas. Nesse período conhece Theon Spanudis, crítico de arte que se tornará seu maior incentivador.

Theon Spanudis e Jandyrá Waters, 1979



1963

1964/65



A partir daí participa regularmente das edições anuais dos principais Salões da época:

- 22º Salão Paulista de Belas Artes
- 6º Salão Paulista de Arte Moderna, 1957
- 7º Salão Paulista de Arte Moderna, 1958
- 9º Salão Paulista de Arte Moderna, 1960
- 10º Salão Paulista de Arte Moderna, 1961
- 5º Salão de Arte de São Bernardo do Campo - menção honrosa, 1961
- 6º Salão de Arte de São Bernardo do Campo - medalha de bronze, 1962
- 11º Salão Paulista de Arte Moderna, 1962
- Salão de Arte de Santo André, 1962



Recebendo menção honrosa- Salão de Arte de Santo André, 1962



Theon Spanudis, déc. de 1960

COLETIVAS

1964

- 21º Salão Paranaense de Belas Artes, Curitiba
- 8º Salão de Arte de São Bernardo do Campo recebendo a grande medalha de bronze
- 13º Salão Paulista de Arte Moderna recebendo a medalha de bronze.

1965

- 1º Salão de Arte Contemporânea, Campinas
- 14º Salão Paulista de Arte Moderna, Salão do Trabalho, na Galeria de Arte das Folhas
- 2º Salão de Arte Moderna do Distrito Federal
- 1º Salão de Arte Religiosa Brasileira, Londrina onde recebe menção honrosa.



Jandyrá Waters, 2015

JANDYRA WATERS

Cronologia

INDIVIDUAL

Museu de Arte Contemporânea de Campinas
a convite de Lourdes Cedran,
com apresentação de Mário Schenberg.

Participa da exposição **Três Premissas**, na Faap.
É selecionada para a emblemática **I Bienal da Bahia**, em
1966. Participa do **2º Salão de Arte Contemporânea**,
Campinas, e recebe a pequena medalha de prata
no **15º Salão Paulista de Arte Moderna**.

Jandyrá no Ateliê



1966

1967

1968/71

1973/78



Entrega do prêmio Salão Paulista,
1966



Catálogo Três Premissas Faap,
1966



Individual no Museu de Arte
Contemporânea de Campinas, 1966

INDIVIDUAL

Galeria F. Domingo, São Paulo.
Geraldo Ferraz publica crítica
sobre o trabalho.

COLETIVAS

9ª Bienal Internacional de São Paulo,
na Fundação Bienal
**4º Salão de Arte Moderna do
Distrito Federal**, no Teatro Nacional
Cláudio Santoro
16º Salão Paulista de Arte Moderna
3º Salão de Arte Contemporânea,
no MACC, Campinas.



Peter Cohn, Jandyrá, Tito D'Alencastro e Valdeir Maciel,
em evento em São Paulo, déc. 1970



Jandyrá na Galeria João Rosa
Filho, 1971

INDIVIDUAL

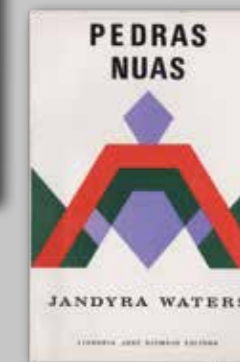
Galeria KLM, São Paulo SP, 1969.

COLETIVAS

4º Salão de Arte Contemporânea,
no MACC, Campinas
17º Salão Paulista de Arte Moderna
2ª Bienal Nacional de Artes Plásticas
Salvador BA, 1968
1º Salão Paulista de Arte Contemporânea,
no Masp, 1969
Abstratos e Geométricos, no Paço das Artes,
Galeria João Rosa Filho, SP, 1971



Capa do livro Desvendador,
1977



Capa do livro Pedras Nuas,
1974

Lançamento do livro de poesias *Pedras Nuas*,
publicado pela Livraria José Olympio Editora, 1974.
Lançamento do livro de poesias *Desvendador*,
publicado pela Editora DAG, 1977.

COLETIVAS

4 Pintores Geométricos, Galeria Kompass, SP,
1973
Templos, Instituto dos Arquitetos, 1974
7º Panorama de Arte Atual Brasileira,
no MAM-SP, 1975
Construtivistas e Figurativos da Coleção Theon
Spanudis, no Centro de Artes Porto Seguro, 1978



Clara Sancovsky, Niobe Xandó, Fang,
Jaime Garfinkel, Volpi, Jandyrá e
Theon. Expo Porto Seguro, 1978



Jandyrá, Tito D'Alencastro, Dinah
Lopes Coelho, MAM-SP, 1975



JANDYRA WATERS

Cronologia

Jandyrá Waters, 2015

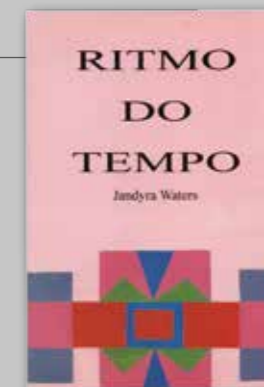
INDIVIDUAL
Museu de Arte Contemporânea da USP, com apresentação de Theon Spanudis

Calendário do Masp



INDIVIDUAIS
Espaço Cultural Projeto, SP, 1987.
Espaço Cultural Projeto, SP, 1992.
Galeria Lucia Dantas, SP, 1992.

COLETIVAS
Geômetras Paulistas, Galeria Sadala, Takaoka e seus discípulos, MASP, 1986.
Mulher: espírito e matéria, Paço das Artes, 1988
Sedução dos volumes, MAC/USP, 1992



Capa livro Ritmo do Tempo, 2001. Abaixo, autografando Ritmo do Tempo



1979

1981/84

1986/92

1994/2014



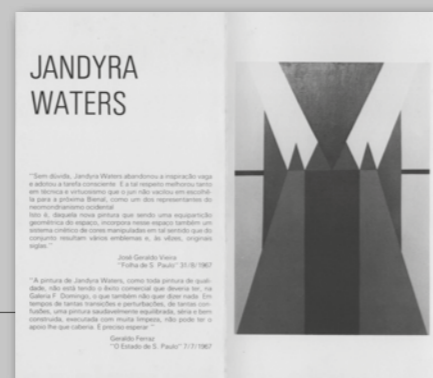
Jandyrá e Theon Spanudis no MAC-USP, 1979

INDIVIDUAIS
Galeria Ars Artis, São Paulo, 1981
Itaú Galeria, São Paulo, 1984, com textos de José Geraldo Vieira, Geraldo Ferraz, Mario Schenberg, Antonio Zago, Theon Spanudis e José Neistein, 1984.

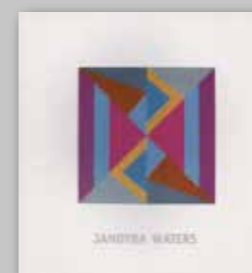
COLETIVAS
Arte Transcendente, no MAM-SP, 1981
Calendário, no MASP - Homenagem aos artistas expositores pelos 25 anos do Museu, 1982
Brazilian American Cultural Institute, Washington, Kouros Gallery, Nova York, 1983
Geometria Hoje, no Museu de Arte de Belo Horizonte, 1984



Catálogo da exposição individual no MAC-USP, 1979



Catálogo Itaú



Lançamento do livro de poesias Ritmo do Tempo, publicado pela Editora Scortecci, 2001.

Lançamento do Calendário Logos, 2014

INDIVIDUAL
Galeria Lordello e Gobbi, SP, 2006.
Apresentação Olívio Tavares de Araújo.

COLETIVAS
Bandeiras: 60 artistas homenageiam os 60 anos da USP, no MAC/USP, 1994
Bandeiras, na Galeria de Arte do Sesi Tendências Construtivas no Acervo do MAC USP: construção, medida e proporção, CCBB-RJ, RJ, 1996
Arte Brasileira: 50 anos de história no acervo MAC/USP: 1920-1970, MAC/USP, 1997
Exposição Prêmio Quota de Arte, SP, 2002
Arte Construtivista, Acervo do MAC, Recife, 2008



JANDYRA WATERS

Ritmo do Tempo

Realização

Galeria de Arte Almeida e Dale

Curadoria

Denise Mattar

Texto

Denise Mattar

Fotografia

Sérgio Guerini

Equipe

Eunice Maria Jesus

Maria do Socorro dos Santos Macedo

Miriam Cristina Viera Lemes

Produção Executiva

Mônica Tachotte

Assistente de produção

Ricardo Oliveira

Projeto Expográfico

Denise Mattar

Design Gráfico

Ana Lucas - Kaminari Comunicação

Assessoria de imprensa

A4 Comunicação

Montagem

André Cruz

Maurício Cruz

Eli Carlos Rodrigues - Lula

Edivaldo Fernandes - Magrão

Tradução

Monica K. Mills

Agradecimento Especial

Jandyra Waters

Agradecimentos

Antonio Gonçalves Filho

Clara Sanconvsky

André E Cristina Mastrobuono

Pedro Mastrobuono

Marco Antonio Mastrobuono

Ladi Biezus

Breno Krasilchik

Adriana Jacobsberg



Almeida e Dale

Rua Caconde, 152 • Jd Paulista • São Paulo • SP • CEP 01425-010

Tel.: +55 11 3883-7120

galeria@almeidaedale.com.br | www.almeidaedale.com.br

